

VILÉM FLÜSSER Da banalidade do mal.

O estudo que Hannah Arendt fez do processo de Eichmann tem por subtítulo as palavras que escolhi como título deste artigo. Mas o meu Propósito é ligeiramente diferente da dela. Ela procura mostrar a banalidade do mal colossal, e eu procurarei analisar a banalidade do mal corriqueiro. Ela tenta provar que a impressão seguinte é falsa: males gigantescos são cometidos por criminosos gigantescos, por monstros. Que, na realidade atual, males gigantescos são cometidos por funcionários insignificantes e banais, empregados por aparelhos gigantescos. Eu tentarei tratar do lado avesso do problema: de como pessoas responsáveis e cultas, quando empregadas por aparelhos insignificantes, cometem males insignificantes que muchíssimo cometido enquanto pessoas resposáveis e cultas. Em outras palavras: Hannah Arendt trata do aparelho enquantito transformador de gente insignificante em funcionários poderosos e destrutivos; e eu trataré do aparelho enquantito transformador de gente responsável e culta em funcionários incômodos e chatos. O tema de Hannah Arendt é, sem dúvida, mais complicado que o meu. Mas o meu é mais dia a dia, e caracteriza mais a vida na atualidade. Juntos, os dois temas formam os dois lados da banalidade do mal, que é um dos problemas mais vitais que sofremos.

Todos temos a vivência do aparelho chato, nem todos, felizmente, do aparelho destrutivo. Quem é espanhado na engrenagem do aparelho destrutivo, (por exemplo do nazismo), tem a sensação do terror e de ser triturado. E quem entra, desprevenido, na engrenagem do aparelho chato, (por exemplo de uma firma comercial ou de um instituto de ensino), tem a sensação do óbvio e da futilidade. Mas a distinção é provisória, fortuita e perigosa. Lembro-me do período de formação do nazismo, quando o seu aspecto cômico e fútil era perfeitamente visível. Mais tarde o terror apagou este aspecto. E a comicidade dos aparelhinhos chatos encobre o fato da sua tendência de triturar-nos aos poucos. Tivesse sido tomado o sério o nazismo, quando ainda aparelhinho cômico, e talvez não teria tido Eichmann. Com este aviso horrível em mente passo a descrever a vivência desse monstrosinhos que nos cercam de todos os lados.

Começarei por descrever uma cena. Pessoas adultas e cultas estão sentadas em redor de uma mesa. Mas não conversam, não se comunicam entre homens de carne e osso. Estão engajadas em ritual caricatural da nossa época: funcionam. Os seus gestos são levemente cariáticos, os seus rostos máscaras brancas de seriedade animal, bra de hilariante levemente idíltica, as suas vozes têm timbre mecânico, consequência de uma imitação de emoções, e o mais cômico do ato ritual é sua formalização. Apóiam moçocas, repartem departamentos, votam ~~ministros~~ votos, criam comissões, deliberam, os que concordem ficam como testemunhas dirigem-se uns aos outros em ordem hierárquica remanescente do grande império spansam uns redoma de termos horas a fio. Isto é só o que parte da parte de desprezado várias reações em conflito. Afinal, é a impressão de tudo

VILLEM FLUSSER não passar de pessado knifício. "Acordarei", diz o coitado, "e reccontrarrei atrás das máscaras as pessoas que conheço". Mas por mais que se belisque, a cena não se desfaz em neblina. A segunda reação é a de que os outros estão sonhando, ou estão debaixo de hipnose, e que é preciso acordá-los. Nesta esperança o coitado procura comunicar-se com os funcionários de maneira humana. Ai descobre que a sua atitude humana é tomada por excentrica e cómica pelos participantes do rito, e que não são eles os alienados, mas ele. Finalmente procura participar inteiramente do sto, imitando os gestos, as atitudes, e a terminologia dos outros. Para isto precisa vencer não apenas a barreira do ridículo, mas também a barreira da honestidade. No começo falha na sua tentativa, por razões semelhantes pelas quais falha aquele que reitoras à cavernas para brincar com sombras. Mas com o tempo aprende e passa a funcionar como os outros, integrando-se, deixou de ser alienado.

O rito que acabo de descrever tem finalidade. A finalidade é o produto visse-do pelo aparelho. (Por exemplo: parafusos, i.e., alunos formados.) Mas a finalidade é problematizada por pelo menos dois fatores. O primeiro é a complexidade da engrenagem que fez com que o produto esteja encoberto pelas rodas e alavancas. Entre o funcionário e o produto estão as repartições, as comissões e os departamentos, de maneira que o produto evanescer. O segundo factor que problematiza a finalidade do rito é a motivação do funcionário, e que não é necessariamente, nem exclusivamente, o produto do aparelho. Quem entra em fábrica de parafusos, não visa necessariamente fazer parafusos, mas necessariamente visa ser membro, ("mato" ou adoptivo), de um departamento. O interesse do funcionamento, originalmente investido no produto do aparelho, é desviado para o aparelho mesmo. O produto tende a transceder o horizonte do funcionário, e como tal torna-se indiscutível. Imagine-se na o espanco causado por aquele que propusesse em mesa redonda numa fábrica de parafusos a discussão de utilidade de parafusos.

Mas simplifiquei o problema. Descrevi a situação como se fosse a seguinte: quero fazer parafusos. Quero, porque gosto de parafusos, e porque quero ser útil, à minha maneira, à sociedade e quero viver disto. Entro em fábrica de parafusos. Verifico que preciso integrar-me na sua engrenagem, ou morrer de fome e nunca fazer parafusos. E verifico que a minha integração na engrenagem modifica a minha forma de ser, (digamos, humana), e afasta os parafusos. No entanto, a situação não é tão simples. Há alguns, (talvez a maioria), que se adaptam gostosamente ao aparelho, e nela se sentem como peixes na água. São funcionários matos. A cena que descrevi é a sua maneira autêntica de ser e de conviver com os outros. Realizam-se como membros de repartições, e investem comites com interesse existencial, como se comites fossem álgio. Recebo que estes seres são os portadores do futuro. Je que os aparelhos noem o seu paraíso. Mas, felizmente, os recentes movimentos da juventude europeia e americana parecem querer desmentir meu trecho.

Devo portanto distinguir entre funcionários matos e naturalizados. (Porque

VILÉM FLUSSER
funcionários somos atualmente todos.) E o problema do qual trato, o da banalidade do mal, se dá sempre para os naturalizados. Os outros vivem no melhor dos mundos. Pois em que consiste essa banalidade do mal, do ponto de vista do funcionário naturalizado? Creio que nisto: na sua tendéncia obstinada de transferir os valores pré-aparelhísticos para o aparelho. Por exemplo: o valor do diálogo aberto, o valor da amizade, o valor da busca de verdade, o valor da busca da realização de si mesmo na obra. Estes valores são humanos e não cabem dentro do aparelho. O funcionário assim equivocado toma as atitudes dos demais funcionários por falsidades, por má fé, por resultados de motivos subalternos, quando a realidade não autoriza essas atitudes do funcionamento. O seu engano é este: continua tornando as outras funcionárias por aquelas pessoas que conheceu sobre do aparelho, quando, na realidade, são ródas da engrenagem. É um engano ontológico o seu. E neste engano banal reside o mal disto tudo. E pode ser resumido na seguinte sentença: para o funcionário naturalizado o aparelho é um mal infelizmente necessário para alcançar o produto, e para o funcionário o aparelho é um bem em si mesmo.

A transformação ontológica sofrida por uma pessoa no aparelho, a sua mutação para funcionário, é um espetáculo terríficante para o funcionário naturalizado. Não reconhece mais no funcionário o outro. Mas quando descobre a banalidade deste mal, reconquista o senso de ironia. E este senso de ironia me parece ser a única salvação da situação que nos cerca. Dedicarei o resto deste artigo à consideração desta possibilidade.

O ideal da liberdade é, creio, o mais empolgante entre todos. Certamente, para funcionário, é um espetáculo terríficante para o funcionário naturalizado. Não reconhece mais no funcionário a liberdade. Não discutirei como ele é problematizada pela determinação no pleno da natureza, e pela liberdade dos outros no pleno da sociedade. Direi apenas que a liberdade, com toda a sua problematidade, é a máxima tarefa da vida.

Conquistar consistentemente a sua liberdade é viver dignamente. Perto do final do Fausto Goethe diz: "Ja, diesem Sinne bin ich ganz ergeben, das ist der Weisheit letzter Schluss: nur der verdient sich Freiheit und das Leben, der taeglich sie erobere muss". (Sim, a isto estou inteiriamente dedicado, isto é a derrodeira conclusão da sabedoria: apenas aquele merece liberdade e vida, quem precisa conquistar diariamente). Conquistar consistentemente a liberdade, para realizar sua vida em obra, acrescentarei, é o creio perfeitamente dentro do espírito goetheano.

Pois atualmente esta conquista da liberdade deve durar-se em luta, não tanto contra a natureza ou contra os outros homens, mas contra o aparelho e sua cretinice infra-humana. E deve dar-se na dependência dos aparelhos, nem os quais sobreviver é impossível. Numa dependência tão drástica quanto o foi, antigamente, a dependência da natureza e da sociedade. De forma que o grito do Lívrengue é um exagero. Não se trata de independência ou morte, mas de liberdade na dependência ou morte. Não podemos ser independentes dos

VILÉM FLUSSER

aparelhos, mas podemos constantemente lutar para sermos livres deles. Nesta liberdade reside na nossa superação do aparelho pela nossa tristeza e como homens. Pela atitude irônica que podemos assumir diante deles. Esta ironia não é necessariamente uma atitude passiva. Podemos, a partir dela, perfeitamente participar dos aparelhos com a finalidade de alterá-los. Nas devemos participar do seu jogo não com o fito de ganhar, mas de alterar o jogo. Não devemos esquecer nunca que se trata de jogo, e de jogo extremamente chato, mas de jogo sório no sentido de necessário para a nossa sobrevivência imediata. Mas se a liberdade e valor superior à vida, podemos conservar a nosso irônico, o devido disto.

Um amuleto reconhecer que o aparelho é um mal, um mal necessário e inevitável. Mas que é um mal brutal, e que pode ser superado por este sua liberdade. Nesta liberdade reúno, creio, a nossa esperança, como individualização e como sociabilidade.